

**Revista Internacional de
Formação de Professores
(RIPF)**

**ISSN: 2447-8288
v. 2, n. 2, 2017**

**A DIVERSIDADE NA ESCOLA E O DIÁLOGO
ENQUANTO EXIGÊNCIA**

Submetido em 10/12/2016

Avaliado em 20/01/2017

Aceito em 14/03/2017

Elidia Vicentina de Jesus
Ribeiro

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação
– PPGEd/ UFSCar – Campus Sorocaba/São Paulo.
Contato do autor1: elidiavjr2@gmail.com

A DIVERSIDADE NA ESCOLA E O DIÁLOGO ENQUANTO EXIGÊNCIA

Resumo

O objetivo do artigo é propor uma reflexão acerca da presença da diversidade na escola e a necessidade do compromisso do educador com o desenvolvimento dos educandos, tendo como pressuposto o atendimento à diversidade e o diálogo como uma mediação e uma exigência. A construção do artigo se deu por meio do estudo de pesquisa bibliográfica, em especial em Paulo Freire, e conclusões a partir da visão da autora, em sua experiência como professora e atualmente, como Supervisora de Ensino em escolas públicas, tendo como referência a necessidade de se construir o respeito à diversidade na escola. Nesta perspectiva se propõe esta reflexão que deve servir de apoio para que a diversidade seja enfrentada pelos diferentes atores do espaço escolar, buscando através do diálogo mediar condições adequadas para todos os educandos.

O resultado esperado com o presente artigo é a possibilidade e a necessidade de uma revisão pessoal dos educadores e dos profissionais da escola como um todo, acerca da realidade vivida pelos educandos nas escolas públicas brasileiras, onde a falta de aceitação das diferenças, reforça as desigualdades dentro da escola e na sociedade, o que aumenta ainda mais as relações injustas de poder dentro e fora da escola.

Palavras-chave:

Diversidade. Escola. Educandos. Educadores.

DIVERSITY SCHOOL AND DIALOGUE WHILE DEMAND

Abstract

The aim of the present article is to propose a reflection on the presence of diversity in the school and the necessity of the commitment to the development of the learners, having as presumption the attendance to the diversity, through the dialogue as a mediation and a demand. The article was constructed through bibliographical research and the author's view, in her experience as a teacher and currently as supervisor of teaching in public schools, with reference to the need to build respect for diversity in school. In this perspective it is proposed this reflection which must be faced by the different actors of the school space, seeking through dialogue to mediate adequate conditions for all learners.

The expected result with the present article is the possibility and the necessity of a personal revision of the educators and the professionals of the school as a whole, about the reality lived by the educandos in the Brazilian public schools, where the lack of acceptance of the differences, reinforces the inequalities within the school and in society, which further increases unjust power relations in and out of school.

Keywords

Diversity. School. Educandos. Educators.

Introdução

Este texto é resultado de reflexões da autora, ao longo de sua atuação como professora, durante dezenove anos em escolas públicas e atualmente em sua atuação como Supervisora de Ensino, cujo exercício se dá no acompanhamento das escolas jurisdicionadas à Diretoria de Ensino Região de Itapetininga. Pretendemos aqui tecer algumas breves reflexões acerca da diversidade presente no espaço escolar, tendo como referências as relações que se estabelecem entre educandos e educadores e como essa diversidade é considerada. À luz da teoria de Paulo Freire, traremos algumas reflexões na busca de alternativas de, como a diversidade se dá na escola, tendo como princípio básico o diálogo, através do reconhecimento das diferenças e a importância de se desenvolver um processo de gestão democrática em que o trabalho com a diversidade seja inserido no seu Projeto Político Pedagógico.

Em Sacristan (2002), identificamos que a diversidade, assim como a desigualdade, são manifestações normais dos seres humanos, dos fatos sociais, das culturas e das respostas dos indivíduos frente à educação nas salas de aula. Segundo ele, a diversidade contribui para a heterogeneidade existente nas escolas, dentro delas e também nas salas de aula porque também essa, existe na vida social externa. Por outro lado, a educação, como parte integrante da sociedade, também é, em muitas circunstâncias, a causa de diferenças ou da acentuação de algumas delas. Os educadores por sua vez, com suas ações, participam da diversificação e da homogeneização, da equiparação e da desigualdade.

A escola deve buscar ser um espaço em que haja a possibilidade de diferentes manifestações dessa diversidade entre os alunos, oferecendo condições para o crescimento e desenvolvimento das possibilidades dos estudantes. Assim, devemos pensar cada vez mais, em uma prática pedagógica que seja inclusiva e não que exclua o aluno. Ou seja, para que todos os alunos sejam contemplados em sua diversidade, a escola não deve dar atenção única e exclusivamente aos conteúdos formais, ou melhor, no currículo prescrito, mas no trabalho da escola como um todo, que apóie as diferenças em que as atitudes sejam valorizadas e que a escola seja espaço de discussão de temas como: respeito, integridade, amizade, solidariedade e companheirismo.

Portanto, o Projeto Político Pedagógico, deve contemplar ações que promovam a inclusão a partir da diversidade, sendo a escola capaz de oferecer oportunidades de incluir mesmo aquele aluno que não consiga desenvolver no mesmo tempo que os demais, as habilidades específicas ligadas aos conteúdos formais, em atividades que proponha seu desenvolvimento, convivendo com os outros alunos, sendo valorizados os laços de amizade, a participação, o desenvolvimento da auto-estima, mesmo com um rendimento insatisfatório e não condizente e esperado pela escola e pelos pais.

Reflexões em Paulo Freire: Diversidade e diálogo

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, uma das exigências que o autor descreve como essencial, é a exigência da existência do diálogo, pois sem este não se faz possível compreender o outro, necessária condição para uma educação libertadora. Dessa forma, Freire insiste na coerência do educador perante a realidade de seus alunos, numa condição de respeito.

“É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade à realidade sem segurança mas é impossível também criar a segurança fora do risco da disponibilidade.”
(FREIRE, 1986, p. 85)

No entanto, o que se observa na prática é que, quando o aluno apresenta baixo desempenho no desenvolvimento das habilidades esperadas, ele é duplamente desprestigiado, tanto no desempenho das competências e habilidades ligadas às disciplinas, quanto em sua exclusão em diferentes atividades na escola, em decorrência desse resultado abaixo do esperado, o que muitas vezes o deixa à margem de tantas outras atividades que poderiam ser motivadoras para ele, seja por falta de incentivo por parte da escola, ou mesmo por desmotivação do próprio aluno, o que reforça ainda mais os padrões de exclusão.

Paulo Freire, educador conhecido pelo seu pensamento humanista, cujos estudos ele desenvolveu a partir da sua experiência, diante das especificidades do contexto histórico-cultural, sempre teve seu pensamento aberto no intuito de dialogar com as possibilidades de uma autêntica humanização, construiu seu discurso político-pedagógico, buscando compreender suas “razões de ser” e de “ler o mundo”.

Dessa forma, muito temos a aprender neste sentido com este brilhante educador, pois dado o seu caráter humanista, sempre esteve sensível a todas as situações de opressão, observando a fragilidade das pessoas, sua proposta é de superação das opressões a partir da libertação do oprimido perante o opressor. No campo da diversidade, especialmente na escola, em defesa de uma padronização e de uma rotina de conveniência e comportamentos esperados, aquele que se desvia desse padrão esperado é, muitas vezes, negligenciado em suas necessidades pessoais, e muitas das vezes não atendido em sua individualidade.

“Diminuo a distância entre mim e a dureza de vida dos explorados não com discursos raivosos, sectários, que só não são ineficazes porque dificultam mais ainda a minha comunicação com os oprimidos. Com relação a meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a aprender não importa que saber, o do torneio ou o do cirurgião, com vistas à mudança do mundo, à superação das estruturas injustas, jamais com vistas à sua imobilização.” (FREIRE, 1986, p. 87)

Buscando no referencial teórico de Paulo Freire, especialmente em *Pedagogia da Autonomia e Pedagogia do Oprimido*, entendemos que o autor, pensou o ser humano com potencial de superação. No entanto, diante da multiplicidade de diferenças humanas: de gênero, físicas, mentais, raciais, culturais, religiosas e outras, Freire evidencia uma correlação de forças entre oprimido e opressor, que permeia em toda a sociedade como também a educação que é parte integrante da sociedade. Assim, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, o autor propõe uma Pedagogia, aquela que atenda aos anseios do mais necessitado e possa romper com as barreiras da opressão, aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.

Abre-se assim a possibilidade de rompimento com a Pedagogia dita como tradicional para um atendimento à diversidade cultural, que possa dar lugar a todos, e especialmente ao oprimido que vê a possibilidade de consideração de suas necessidades dentro do espaço escolar.

Segundo Zych e Ujii (2005), falar em diversidade, com base em seus estudos feitos em Guijarro (1998), não significa necessariamente falar de minorias, mas do coletivo humano, que traz em seu interior as diferenças individuais. Essa questão é de extrema importância, pois muitos equívocos se formam neste sentido, pois não se trata de dar o tom de privilegiar este ou aquele segmento, mas verificar que o coletivo humano deve ser privilegiado. As autoras ainda citam que é necessário falar em diversidade no sentido de “oportunidade, flexibilidade, adaptações e respeito às limitações, dificuldades e necessidades especiais do outro”.

O que se vê como grande preocupação em Paulo Freire (2002) é o que “instiga o homem à humanização de si, liberando-se, transformando-se, num contínuo processo de flexibilidade e ação”. Segundo Freire (2002), a educação sob esse viés é entendida como capacitação para o exercício da liberdade e da autonomia e, tanto no ponto de partida como no processo educativo, esse olhar implica respeito para com o sujeito, que é único, e para suas diferenciadas manifestações.

Neste sentido, o autor Paulo Freire nos ensina que devemos acreditar que “os homens se educam em comunhão”. Portanto, a convivência é a priori, o espaço privilegiado para que a educação, nesta visão de comunhão, possa se estabelecer na escola. Precisamos, portanto, de profissionais comprometidos com a humanização, ou enfatizando o que o autor nos ensina, o compromisso ético político. Só assim, poderemos ir à busca de espaços que privilegiem a diversidade no interior da escola e das salas de aula.

“Não é mudando-me para uma favela que provarei a eles e a elas minha verdadeira solidariedade política sem falar ainda na quase certa perda de eficácia de minha luta em função da mudança mesma. O fundamental é a minha decisão ético-política, minha vontade nada piegas de intervir no mundo.” (FREIRE, 1986, p. 86)

Para Paulo Freire, a essência da educação se funda no diálogo, que se configura em uma exigência existencial, pois não é no silêncio que os homens se fazem e sim na palavra, na ação reflexão, que para Paulo Freire é a práxis, pois a palavra tem poder de transformar o mundo. É a partir da prática do diálogo no seio da diversidade que os homens, alunos, terão vivenciada uma relação horizontal, onde se instaura a confiança e a troca, a experiência e a aceitação. Para Paulo Freire “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

Considerações finais

Pretendi aqui realizar uma breve reflexão em torno da diversidade presente na escola e como esta é compreendida e, logicamente, o trabalho desenvolvido. Buscamos em Paulo Freire os ensinamentos de sua teoria como proposta de construção de laços a serem fortalecidos dentro do espaço escolar, com o objetivo de superar as desigualdades, sendo um espaço de aprendizagem para todos. Que especialmente, a educação seja desenvolvida de forma abrangente, onde todos os aspectos humanos sejam contemplados na escola, e que as lições ali aprendidas e ensinadas não sejam, de forma alguma, reforço das estruturas injustas da nossa sociedade, da qual os oprimidos são as principais vítimas dessa ação.

Destacamos o diálogo, a partir da perspectiva de Paulo Freire, como mediação na construção do mundo, a partir da ação reflexão, e na superação das desigualdades onde todos devem ter lugar e, especialmente na escola, que é espaço de criação e desenvolvimento. Esperamos que “a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios” (FREIRE, 1986), como nos ensina Freire, sejam cada vez mais os saberes incentivados à prática educativa, pois, “viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objetivo da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente” (FREIRE, 1986).

Esta seria a razão ética, o fundamento político como referência pedagógica, nas ideias do autor, que nos daria “a boniteza que há nela (prática educativa), como viabilidade do diálogo” (FREIRE, 1986). Com certeza, o amadurecimento, o desenvolvimento e a aprendizagem, ocorreriam de forma mais eficiente e teríamos melhores contribuições para a formação de pessoas, como seres responsáveis pelo seu desenvolvimento e pelo desenvolvimento do outro.

Bibliografia

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PEROZA, Juliano; SILVA, Camila Pompeu da; AKKARI, Abdeljalil. **Paulo Freire e a diversidade cultural: um humanismo político-pedagógico para a transculturalidade na educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.21, n.2, p. 461 - 481, jul./dez 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex>, acesso 15/09/2016.

SACRISTÁN, J. G. **A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas**. In: ALCUDIA, R. et al. Atenção à Diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZYCH, Anizia Costa; UJIIE, Nájela Tavares. **O instigador Paulo Freire e os entornos da diversidade**. In: Revista Travessias. Unioeste, nº 2, 2008. Acesso em: 10/09/2009. Disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_002/educacao/oi_nstigados.pdf